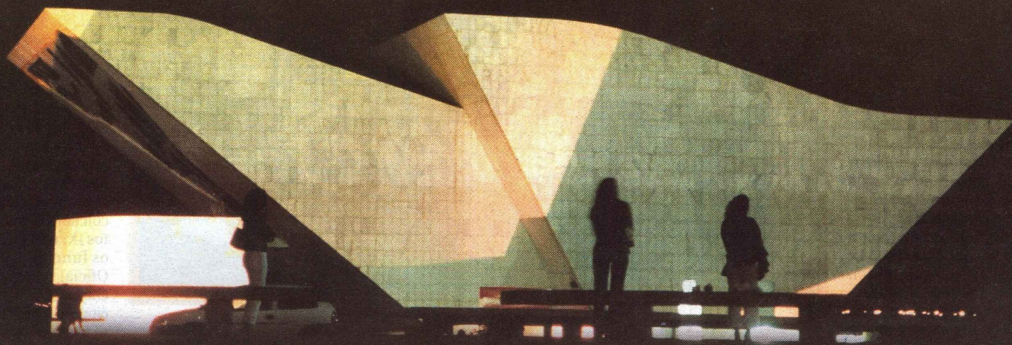


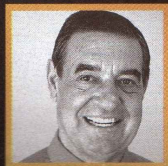
# PIONEIROS

*Histórias de quem fez Brasília*

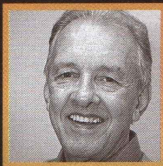


A emoção daqueles que abriram mão da infra-estrutura dos locais onde moravam para se aventurar na construção da nova capital está na pele, nas palavras e no amor que demonstram pela cidade. Na série *Pioneiros — Histórias de quem fez Brasília*, as lembranças dos construtores e primeiros moradores são contadas semanalmente.

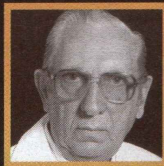
Alcides José  
Kronemberger



Darcy  
Vasconcellos



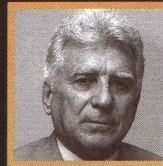
Euclides  
Freire



Leocádia  
Cardoso



Marco A.  
de Moraes



## PIONEIROS



Alcides José Kronemberger

# Dedicação para consolidar a transferência da capital

Arquivo pessoal



STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

Foi com o espírito de pioneirismo que Alcides José Kronemberger conseguiu desembarcar em Brasília na noite de 14 de abril de 1960, depois de uma longa aventura. A viagem do Rio de Janeiro até a futura capital estava marcada para as 9 da manhã e teve de ser interrompida por um problema no Sky Máster do Loyde Aéreo Brasileiro. A tentativa frustrada de um pouso forçado no Galeão só aumentou a tensão dos 30 funcionários da Imprensa Oficial que estavam a caminho do cerrado. "Tivemos de voltar para o Santos Dummont devido a uma pane nos dois motores do lado direito que causou derramamento de óleo na pista. Só embarcamos novamente às 16h", lembra o pioneiro. Mesmo no quadrimotor, a viagem até o Centro-Oeste naquele tempo era longa. Durava cerca de quatro horas e meia. A aterrissagem em solo brasileiro foi exatamente às 20h30. A recepção no pequeno e modesto aeroporto de madeira não poderia ser diferente. Muita poeira e frio.

Mais difícil que a viagem até o Planalto era a missão dos funcionários da Imprensa Oficial, entre eles, a do executor de tex-

to (equivalente a do linotipista), cargo que Alcides ocupava quando fora transferido para cá. A missão não era mesmo para qualquer um. Em menos de seis dias, ele e os colegas tinham que preparar tudo para colocar em funcionamento a Imprensa Oficial e publicar no *Diário Oficial* do dia 21 de abril o decreto que estabelecia a transferência da capital para Brasília. "Foi uma batalha dura porque os trabalhos de composição dos textos e a impressão eram feitos debaixo de tapumes de madeira e o piso era de terra batida, porque o prédio da Imprensa Oficial ainda estava em construção", descreve o pioneiro com perfeição o seu novo ambiente de trabalho. Para completar, as janelas nem vidros tinham e acabavam

servindo de passagem para o vento frio que assolava a região.

Apesar das dificuldades, a missão que parecia impossível foi sendo concluída com muito trabalho e acabou servindo de apostas para os mais eufóricos. "O diretor-geral (Alberto de Sá Brito Pereira) apostou uma gravata com o deputado José Bonifácio como o *Diário* rodaria no dia da inauguração. Ele duvidava da publicação por causa das condições precárias do prédio", lembra Alcides. Para a felicidade do diretor e dos operários da construção de Brasília e graças ao esforço do pioneiro e dos colegas mecânicos, revisores, paginadores e redatores, no dia 21 de abril de 1960 a ata da sessão no Congresso Nacional se transformou na publicação. No Diário

que convalidava a transferência da capital para Brasília. "Mesmo com a transferência, muitos colegas meus, aqueles mais saudosistas, não acreditavam na mudança da capital. Eles diziam que era inconcebível uma capital no meio do mato", afirma. O descrédito também era visível nos jornais do Rio e São Paulo, que criticavam a mudança e diziam que Brasília iria voltar para o Rio de Janeiro porque lá era a verdadeira capital.

Após a inauguração, o ritmo das rotativas dobrou. Depois de rodado o primeiro número do *Diário Oficial*, a Imprensa continuou a imprimi-lo diariamente e, com a chegada de novos funcionários, começou a rodar também o Diário do Congresso Nacional, da Câmara e do Senado.

ALCIDES (PRIMEIRO À ESQUERDA COM A MÃO NA CINTURA) COM OS COLEGAS DA IMPRENSA NACIONAL

## Novos desafios

Era preciso mais que trabalho e determinação para levar a vida na nova capital. Não fosse a coragem, Alcides teria desistido no primeiro momento. Só para se ter uma idéia, nem ao menos colchões havia nos apartamentos JK, na 412, bloco para onde os funcionários da Imprensa Oficial se mudaram assim que chegaram. "Nós éramos 30 funcionários e em cada apartamento ficavam seis pessoas. Lá não tinha nada. Nem água nem luz e os colchões só chegaram às dez da noite num caminhão." O governo havia disponibilizado até os móveis para os novos moradores, mas tudo era trazido do Rio de Janeiro. Com as torneiras secas e sem luz elétrica, ele foi se acostumando ao novo estilo de vida, que por sinal era bem diferente do que levava em Petrópolis, cidade onde nasceu e cresceu. Os primeiros cinco meses em Brasília foram realmente inesquecíveis para o pioneiro.

As descobertas do cerrado a cada dia surpreendiam o novo morador a caminho da Imprensa Oficial, que sempre dava de frente com emas, capivaras, lobos e tatus. Para se chegar ao trabalho não havia nenhum meio de transporte, a não ser o

## PIONEIROS

Como funcionário da Imprensa Oficial, o pioneiro foi transferido para Brasília, em abril de 1960, com a função de publicar o decreto de transferência da capital no dia da inauguração

ônibus da Imprensa, que buscava e levava os funcionários. O setor de Indústrias Gráficas — onde Alcides trabalhava — era bem diferente do que é hoje. Só havia dois prédios, e além do mais estavam em construção — o da Imprensa Oficial e o do Correio Braziliense. “Na L2, por onde o ônibus passava para pegar os funcionários, era comum a gente se deparar com um animal cruzando a estrada em direção ao lago. Isso era uma novidade para nós”, afirma o pioneiro. Alcides lembra que, na região do Cruzeiro Velho, de tantos pássaros que havia por lá, os moradores chamavam o local de “Gavião”. “Era assim que o Cruzeiro Velho era chamado naquela época. Todo mundo falava Gavião. Depois é que mudaram para Cruzeiro Velho.”

Em setembro do mesmo ano, Alcides deu um basta na solidão e arranjou logo um jeito de trazer a esposa, Nadyr, e o filho Sidnei, que ainda era moleque quando veio para Brasília. O marido conta que a esposa no início vivia com um pano na mão correndo de um lado pro outro na tentativa de tirar a poeira dos móveis. “Os lacerdinhas (rodamoinhos) atingiam até dez metros de altura e entravam por entre as frestas das janelas, deixando tudo vermelho. Isso durou alguns anos, até a urbanização total das quadras. Ele era terrível. Não era à toa que ele tinha esse nome”. O mesmo pó que tirava o sossego das donas-de-casa servia também de lembrança da nova capital. O pó de Brasília era vendido como *souvenir* no *free shop* do aeroporto. “Quando ia a Petrópolis eu comprava um daqueles vidrinhos com a poeira de Brasília como



“**QUANDO IA A PETRÓPOLIS, COMPRAVA UM DAQUELES VIDRINHOS COM A POEIRA DE BRASÍLIA COMO LEMBRANÇA PARA MEUS PARENTES NO RIO**”

lembrança para meus parentes no Rio.” As dificuldades não paravam por aí. Para fazer as com-

pras, as senhoras tinham que se deslocar até o Núcleo Bandeirante. A sorte é que todas as sextas-feiras a Imprensa Oficial disponibilizava o ônibus para as esposas dos funcionários fazerem suas compras.

O cinema, uma das poucas opções de lazer dos moradores, também funcionava de forma precária e só havia um — o cine Cultura, na 507 Sul, onde depois funcionou o Banco do Brasil — “a gente nunca assistia ao filme por inteiro porque sempre faltava energia. No domingo seguinte era a mesma coisa”. A falta de energia da cidade só foi resolvida depois que a barragem da Cachoeira de Goiás passou a funcionar. “O bom era que, quando faltava energia no cinema, a gente recebia o bilhete de volta”, lembra.

### Vida nova

Morando na 108 Sul, os Kronemberger avistavam ao longe o despontar da nova República e o começo de uma nova vida. “Brasília aos poucos foi superando todas as dificuldades e

crescendo com o esforço, o trabalho constante e a dedicação de todos que aqui estavam e dela gostavam de verdade, pois sua elegância e beleza na arquitetura e nos traçados das avenidas eram indiscutíveis”, declara.

Em 1968, Alcides teve uma outra grande surpresa. Com o nascimento dos gêmeos — Marcos Antônio e Marcelo Henrique —, segundo ele, a vida ficou mais difícil. Foi aí que ele resolveu deixar a Imprensa Nacional para trabalhar na gráfica do Senado como revisor, sendo promovido mais tarde a encarregado de turno, a chefe da seção de revisão e a diretor industrial.

Daí pra frente, Alcides resolveu dar uma guinada na sua vida e ingressar na advocacia — ele é formado em Direito pela AEUDE. A carreira jurídica rendeu ao advogado várias homenagens e um diploma da OAB pelos 20 anos de advocacia em Brasília. Ele garante que tudo isso não foi conquistado apenas pelo seu esforço, mas também pelas oportunidades que a cidade sempre ofereceu a seus moradores.

COM A FAMÍLIA: OS TEMPOS DIFÍCEIS DOS PRIMEIROS ANOS FICARAM PARA TRÁS

## Raio X

**Nome:** Alcides José Kronemberger  
**Idade:** 70 anos  
**Origem:** Petrópolis, Rio de Janeiro  
**Ano de chegada a Brasília:** 1959  
**Profissão:** Advogado  
**Estado civil:** Casado  
**Esposa:** Nadyr Therezinha Justen Kronemberger  
**Filhos:** Sidnei, Marcos Antônio e Marcelo Henrique  
**Netos:** Sidnei Filho, Ingo Henrique, Leonardo, Alexandre, Arthur, Christian e Bruna



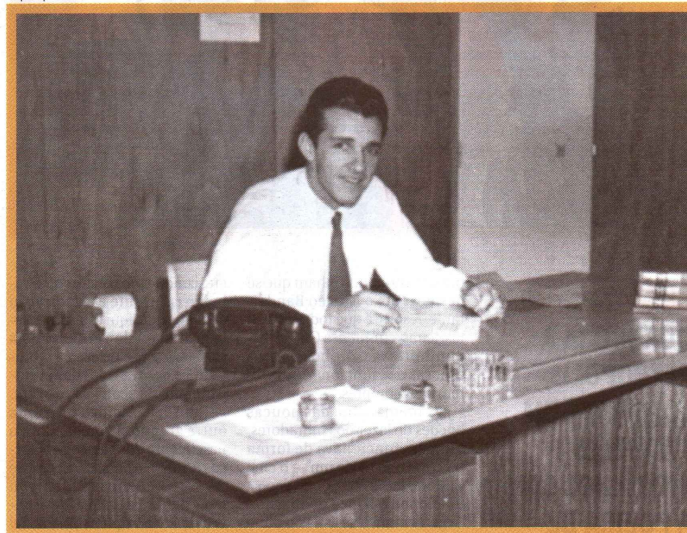
## PIONEIROS



Darcy Vasconcellos

# Orgulho de ser o primeiro funcionário candango da CEF

Arquivo pessoal



STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

A pequena Argirita — distrito de Leopoldina, no sul de Minas — como muitas outras cidades de pequeno porte, não oferecia oportunidades de trabalho e estudo a seus moradores. Sem grandes expectativas quanto ao futuro, Darcy Vasconcellos resolveu buscar na cidade vizinha uma chance para crescer na vida. O desejo de se tornar um técnico bancário, profissão que naquele tempo era sinônimo de status, atraiu o mineiro para o curso de Contabilidade. Com o diploma na mão tudo seria mais fácil.

E realmente não foi difícil conseguir o tão sonhado primeiro emprego, de contador no antigo Banco Ribeiro Junqueira. De contador, ele passou a corretor de seguros e mais tarde a inspetor da Sul-América. Depois de percorrer várias regiões do estado, Darcy foi trabalhar num laboratório do Rio, quando fora avisado pelo cunhado que a Caixa Econômica Federal (CEF) iria abrir outra agência no Planalto. Difícil de imaginar, mas a futura capital federal, muito antes de ser inaugurada já tinha um posto bancário.

Na esperança de conseguir um bom trabalho na nova sede do governo, o mineiro teve de arranjar dinheiro emprestado para chegar até aqui. As poucas obras que nasciam por entre a vegeta-

ção rasteira e o solo pobre do cerrado denunciavam o ano de chegada do pioneiro, fevereiro de 1958. Naquele ano quase não havia obras prontas. Estava tudo em construção. "A gente olhava para o horizonte e a imagem que tínhamos era a de um imenso vazio", afirma o pioneiro.

Do aeroporto, ele seguiu em direção à única agência da Caixa Econômica da cidade que funcionava no acampamento da Novacap — na Candangolândia. O caminho era puro mato. A chuva forte que caía incessantemente e as dificuldades da chegada davam mostras do que o pioneiro iria enfrentar nessas paragens.

Realmente não foi fácil. Enquanto Darcy aguardava uma chance para entrar no banco, ele tentou trabalho numa pedreira, localizada nas proximidades da barragem do Lago Paranoá. A pedreira, de propriedade do cunhado, que fornecia brita para as construtoras, infelizmente não foi para frente. Morando numa cabana de madeira perto onde funcionava a pedreira, o pioneiro ficou quase um ano enfrentando frio e a solidão do local. "Era tanto frio que para dormir eu tinha de usar além do cobertor, aquelas meias grossas de jogar futebol", lembra. A vontade de voltar apertava cada dia mais.

Sem trabalho e longe da família, Darcy passou um ano sem dar notícias ao pessoal em Minas. "Eu não queria preocupar minha mãe, porque não podia contar que estava desempregado". Perto de completar um ano de sua chegada, as coisas começaram a melhorar. "Os funcionários do banco do Rio de Janeiro que trabalhavam na agência daqui iam sempre à Cidade Livre (Núcleo Bandeirante) no carro volante (tipo um carro forte), recolher o dinheiro dos operários para fazerem seus depósitos. Uma vez, eles me disseram que seria aberta outra agência, mas só com funcionários contratados em Brasília. Foi

**DARCY TRABALHOU NA CAIXA, FAZENDO OS LANÇAMENTOS DO DIA E CONFERINDO OS SALDOS PARA VER SE ESTAVAM CORRETOS**

eu fui correndo para o Rio", conta. Por sorte, o primo Ivan Vasconcellos era assessor jurídico do presidente da Caixa Econômica. "No outro dia, eu estava contratado", comemora. "Depois de um período difícil e de muitos sacrifícios, eu vi a chance de voltar para o Rio", esclarece. Feliz com a contratação, ele jamais esqueceu as palavras do presidente. "O senhor é o primeiro funcionário a ser contratado para a futura Caixa Econômica de Brasília". Do Rio de Janeiro, o mineiro foi direto para Argirita rever os familiares e dar a boa notícia. "Dei um susto na minha mãe que não estava esperando minha chegada", afirma. A espera valeu a pena.

Antes da abertura e do funcionamento da nova agência, Darcy iniciou na chamada Bernardo Sayão, que nessa época já havia mudado de endereço. Da Candangolândia, passou a funcionar na 507 Sul. Do Núcleo Bandeirante, onde morava com o cunhado e a irmã, Darcy se mudou para perto do local de trabalho. Na verdade, ele foi para os fundos do banco, mais precisamente para o cômodo ao lado da garagem, onde ficava o carro volante da agência. Ele dividia o pequeno quarto com os colegas do Rio — Paulo César Lote, Fernando Roriz e Célio Ribeiro Barbosa Silva. A 507 Sul, onde funcionavam os bancos, era conhecida como a

## PIONEIROS

O pioneiro veio de Minas para Brasília para tentar emprego na Caixa Econômica Federal. Demorou um pouco, mas conseguiu, e até hoje, depois de aposentado, presta serviços ao banco

DARCY E ROSA ANA, FELICIDADE COM A FAMÍLIA UNIDA EM BRASÍLIA



quadra dos bancários. Foi lá que Darcy fez grandes amizades e participou de quase todas as festas organizadas pelos próprios funcionários. "Havia muita camaradagem e todo mundo queria fazer amizades", lembra.

Sem funcionário capacitado para fazer o duplo controle da agência e, na esperança de voltar para o Rio, ele se dispôs a fazer os lançamentos do dia e conferir diariamente se os saldos estavam corretos. Sem as facilidades tecnológicas de hoje, tudo era feito artesanalmente.

### Inauguração da CEF

Em agosto de 1960, foi inaugurada a segunda agência, a primeira com os funcionários nomeados em Brasília e para a qual Darcy fora contratado. O endereço da Caixa Econômica ficava no Ministério da Educação. A agência ocupava de dois a três andares. Lá, o pioneiro passou a integrar a equipe da contabilidade do banco, sendo promovido mais tarde a contador. "Nessa época, eles criaram o quadro de funcionários e cada um pode ocupar um cargo específico", explica.

Cargo novo, vida nova. A CEF de Brasília resolveu colocar à disposição dos funcionários um bloco exclusivo, na 412 Sul. Darcy se mudou para o apartamento no bloco 7 com seus três irmãos que também trabalhavam no banco. "Lá tinha de tudo. De frutas no café da manhã a leitoa assada no almoço", lembra o bancário. Cada funcionário contribuía com uma pequena cota para pagar a refeição.

Os anos difíceis da chegada se passaram, ficando apenas guardados na memória do pioneiro.

“**ERA TANTO FRIO QUE PARA DORMIR EU TINHA DE USAR, ALÉM DO COBERTOR, AQUELAS MEIAS GROSSAS DE JOGAR FUTEBOL**”

"Me lembro de quando tivemos de ir até a pedreira acertar um dinheiro lá na Vila Planalto. Chegando naquela subida que dá

acesso ao Palácio do Planalto, tinha acabado de passar um ônibus e como já era tarde, não tinha mais nenhum. Aí tivemos de ir à pé do Palácio à 412 Sul por entre as obras da pista que estava sendo aberta. Aqui era tudo muito longe", conta. "Mas a gente foi brincando e até que chegou rápido", completa.

Estabilizado e decidido a ficar em Brasília, Darcy abandonou a idéia de voltar para o Rio. "Se eu tivesse voltado, não teria tido as oportunidades que tive aqui", garante o membro do Clube dos Pioneiros. A distância da família, finalmente foi resolvida. "Em 1962, eu resolvi trazer minha mãe que ficou morando no mesmo bloco", conta. Tranquilo e com a família por perto, sobrava tempo até para o futebol de salão. Ele e os colegas acabaram fundando um time que sempre entrava em campo para jogar contra o da GEB — Guarda Especial de Brasília.

Um ano depois, o pioneiro

deu mais um grande salto para a sua vida em Brasília. Ele finalmente pode comprar uma casa, na 706 Sul, aproveitando as facilidades de financiamento oferecidas pelo banco. "Naquele tempo era mais fácil porque não havia correção monetária e as prestações eram bem pequenas", compara. A casa era tão grande que ele resolveu alugar três quartos para alguns estudantes e para o chefe do departamento da Polícia Federal. De casa nova, em pouco tempo ele se casou com a goiana Rosa Ana. A cerimônia aconteceu na igreja Santo Antônio, na W4 Sul.

Há mais de quatro décadas trabalhando em prol do desenvolvimento da capital federal, mesmo depois de se aposentar, Darcy não quis saber de descanso. Formado em Direito, pela 2ª turma do Ceub, e convidado pelo gerente-geral da Caixa, ele continua prestando serviços para o banco, mas agora como advogado.

## Raio X

**Nome:** Darcy Cunha Vasconcellos  
**Idade:** 74 anos  
**Origem:** Argirita, Minas Gerais  
**Ano de chegada a Brasília:** 1958  
**Profissão:** Advogado  
**Estado civil:** Casado  
**Esposa:** Rosa Ana Fortalez Vasconcellos  
**Filhos:** André Luís, Rodrigo, Andréia e Frederico  
**Netos:** Maria Helena, Samara, Francisco e Gabriel



Euclides Freire

A crença de que Brasília traria des-  
sul-mato-grossense aceitasse a tr

# Lembranças dos primeiros anos em Brasília

BIANCA CHIAVICATTI  
ESPECIAL PARA O CORREIO

O médico sul-mato-grossense, Euclides Freire vislumbrou na mudança para Brasília a oportunidade de retornar ao Centro-Oeste. A capital estava prestes a ser inaugurada quando um colega de trabalho do Banco do Brasil, no Rio de Janeiro, foi encarregado de conseguir voluntários para serem transferidos para o Planalto Central. "Aceitei na mesma hora em que fui consultado", afirma.

"Muitos não acreditavam quando o presidente Juscelino Kubitschek falava sobre a construção de Brasília, mas eu sempre acreditei, porque queria ver minha região desenvolvida", completa.

O desembarque no aeroporto de madeira aconteceu três dias antes da inauguração, em 18 de abril de 1960. Freire já era casado e pai de seis filhos, mas primeiro veio sozinho, até que o banco providenciou um imóvel para abrigar a família. Do aeroporto, o médico foi levado para as lâminas da 303 Sul, moradias construídas pelo banco para abrigar os primeiros funcionários instalados aqui. As lâminas eram acomodações construídas em madeira com pequenas quitinetes.

Os comentários no Rio de Janeiro sobre as condições de vida na nova capital eram as piores, mas Euclides não reclama de nada do que encontrou aqui. "

Arquivo pessoal



A ESPOSA DE EUCLIDES,  
ANTONIA, NA BEIRA DO  
LAGO SUL

Além do salário em dobro que ganhávamos como incentivo para a mudança, recebíamos casa e comida", conta. O médico fazia as refeições em um restaurante localizado no subsolo do edifício sede do banco, no Setor Bancário Sul, que ainda estava em construção.

A avenida W3 Sul, principal ponto comercial de Brasília, ainda não estava totalmente asfaltada. "O movimento de automóveis era tão pequeno que as pessoas brincavam dizendo: vamos na avenida do lá vem um", recor-

da. Os buracos se espalhavam por todas as ruas e a poeira das obras fazia com que, ao meio-dia, o médico e muitos pessoas precisassem trocar de roupa.

O ritmo de trabalho nas construções, espalhadas por toda a Asa Sul, era intenso. O barulho de serras e britadeiras não parava nem durante a noite. Os candangos trabalhavam 24 horas por dia durante o mandato de JK para terminar a cidade. "Os caminhos que usávamos para chegar a algum lugar mudavam de um dia para o outro", diz.

A velocidade das obras empolgava os moradores de modo que verificar a conclusão de prédios, a iluminação de novas áreas e o enchimento do Lago Paranoá preenchia as horas de lazer dos primeiros habitantes de Brasília. "Lembro-me que, quando a iluminação do Eixão Norte foi inaugurada, muita gente tirava os fins de tarde para passear na avenida", conta. "O aumento do nível do Lago Paranoá, por exemplo, era acompanhado semanalmente", completa.

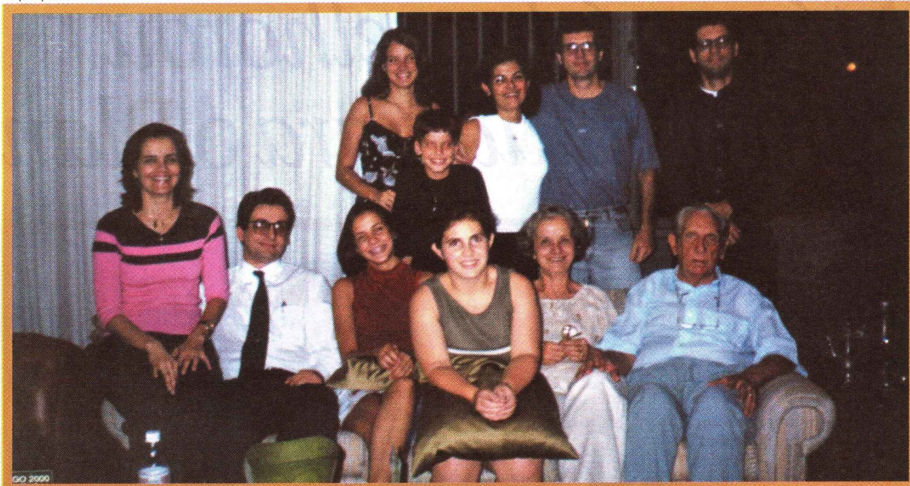
Muitas coisas eram impres-

sionantes e únicas em Brasília, segundo o médico. Uma delas era o fato de se poder avistar o horizonte de qualquer ponto da cidade sem precisar olhar para cima. Outra era a maneira com que os moradores da cidade conviviam, em um clima de harmonia, entusiasmo e cooperação. Os habitantes se divertiam com as diferenças culturais de

desenvolvimento para o Centro-Oeste fez com que o médico a transferência do Rio de Janeiro para a nova capital sem pestanejar

**EUCLYDES COM A FAMÍLIA QUE CRESCIU EM BRASÍLIA**

Arquivo pessoal



cada estado aqui representado, mas se respeitavam acima de tudo. "Sentíamos mesmo a responsabilidade de fazer com que o projeto da nova capital desse certo, estávamos todos unidos em torno disto", comenta.

#### Hospital Distrital

O primeiro trabalho de Euclides na cidade foi como clínico do ambulatório do Banco do Brasil. O Hospital Distrital, hoje Hospital de Base, ainda não estava concluído. Em pouco tempo, entretanto, o médico foi convidado por alguns colegas de profissão a terminar a sede do hospital e terminou trabalhando como voluntário.

Fazer apenas um tipo de trabalho em Brasília era coisa rara entre os profissionais mais habilitados. A cidade tinha excesso de demanda para pouca oferta e a burocracia era mínima. Tudo se resolvia no improviso e de acordo com as necessidades que se apresentavam. Apesar disto, toda atividade era remunerada. As horas de trabalho no Distrital, por exemplo, mesmo que prestadas sem registro ou contratação, eram anotadas e pagas aos médicos e enfermeiros.

Especializado em ortopedia, Freire trabalhava em uma das áreas mais requisitadas do hospital nos primeiros anos de Brasília. É interessante constatar que em uma cidade com poucos automóveis tivesses muitos acidentes de trânsito, mas justamente a falta de costume com o movimento de carros nas ruas fazia com que o número de atropelamentos fosse grande. Outra ocorrência comum eram os acidentes de trabalho.

O número de pacientes que procuravam o Distrital sempre foi grande. Moradores de Brasília, primeiras cidades-satélites e cidades vizinhas do estado de Goiás procuravam atendimento no hospital. Quando a diretoria da unidade de saúde foi formada, Euclides foi contratado como um dos 20 primeiros funcionários do Distrital. Não precisou, entretanto, retirar-se do quadro de efetivos do Banco do Brasil.

#### Moradia

A primeira oferta de moradia recebida no Distrito Federal foi feita pelo Hospital. Euclides teve a oportunidade de usufruir de um imóvel na 306 Sul, mas preferiu esperar a conclusão dos apartamentos do Banco do Brasil. Na época, os imóveis eram cedidos para as famílias de acordo com o número de integrantes. Por causa disto, ele teve direito a ocupar um apartamento de quatro quartos na 114 Sul, primeira quadra gramada de Brasília. "As pessoas iam até lá para ver a imensa área verde como uma grande novidade", diz Freire. Em 1961, então, a família Freire pôde mu-

“  
O MOVIMENTO DE AUTOMÓVEIS ERA TÃO PEQUENO (NA W3 SUL) QUE AS PESSOAS BRINCAVAM DIZENDO: VAMOS NA AVENIDA DO LÁ VEM UM ”

dar-se para a nova capital. Na época, Euclides era casado com Ivone Maria Rezende Teixeira, mãe de seus seis filhos. Embora nunca tenha dito nada sobre a mudança para Brasília, hoje o pioneiro acredita que a mulher não tenha gostado da idéia. Mas as crianças adoraram a liberdade encontrada aqui.

A resistência da primeira es-

posa não era injustificada, pois a vida doméstica nos primeiros anos da cidade era um pouco dificultada pela falta de infraestrutura. A compra de alimentos, por exemplo, só podia ser feita nos mercados da Sociedade de Abastecimento de Brasília (SAB), que ficavam na 308 e 407 Sul e na 406 Norte. Além destes locais, muito disputados pela população que residia no Plano Piloto, era preciso ir à Cidade Livre.

Em 1961, Euclides passou a acumular mais uma função, como médico do Serviço de Assistência Domiciliar de Urgência, o Samdu, em Taguatinga. O funcionamento do hospital deu origem ao nome de uma das principais avenidas comerciais da cidade.

O pioneiro ficou viúvo em 1966. No ano seguinte, Brasília lhe preparou mais uma surpresa, unindo-o à psicóloga Antônia Benedito Freire, com quem vive até hoje. Em 1972, especializou-se em fisioterapia (modalidade da ortopedia voltada para deficientes físicos) em Portugal. No retorno, foi um dos fundadores da Unidade de Medicina Física e Reabilitação do Hospital de Base.

## Raio X

#### Nome:

Euclides Freire

#### Origem:

Ponta Porã, Mato Grosso do Sul

#### Profissão:

Médico aposentado

#### Idade:

77 anos

#### Ano de chegada a Brasília:

1960

#### Esposa:

Ivone Maria Rezende Teixeira (falecida)

Antônia Benedito Freire

#### Filhos:

Luís Felipe, Fatima Tamara, Paulo Guilherme, Carlos Eduardo, Valeria e Flavia

#### Netos:

Luís Henrique, Pedro Augusto, Ana Cristina, Hersz, Edgard, Alice, Carolina, Ana Luisa, Sílvia Maria, Marcelo Eduardo e Isadora

## PIONEIROS



Leocádia Paradella Cardoso

# Até a saúde melhorou com a vinda para o Planalto

Arquivo pessoal



LEOCÁDIA TRABALHOU NO GRUPO ESCOLAR PROVISÓRIO ERNESTO SILVA QUE FUNCIONAVA NA VILA AMAURI

BIANCA CHIAVICATTI  
ESPECIAL PARA O CORREIO

A vontade de morar bem no Rio de Janeiro levou a professora Leocádia Paradella Cardoso a abandonar a Cidade Maravilhosa, onde nasceu, e integrar o grupo dos que trabalharam pela transferência da capital da República para o interior do Brasil. Hoje, aos 86 anos, afirma que, entre os cariocas, apenas ela e Ernesto Silva amavam Brasília no início da década de 60. Não é para menos, a nova capital revolucionou a vida de Leocádia, que faz aniversário no mesmo dia de inauguração da cidade — 21 de abril.

Vítima de uma paralisia facial provocada por trauma psicológico, Leocádia havia sido apontada pelo Estado do Rio de Janeiro em 1957. Em 1959, a construção de Brasília fazia parte de todas as rodas de bate-papo no país. No Rio, muita gente criticava a transferência da capital e não acreditava na realização do que o presidente Juscelino Kubitschek prometia.

Ainda se restabelecendo da paralisia na face, Leocádia continuava impedida de trabalhar. O marido, José Valentim Cardoso, que trabalhava com calafetagem, estava desempregado há algum tempo. O sustento da família, que já tinha uma criança de três anos — a filha Solange —, era garantido pela venda de angu à baiana numa carrocinha que Cardoso mantinha na Central do

Brasil: “Malandragem de carioca, porque na Bahia nunca te angu”, diverte-se a professora.

Os três viviam em uma casa alugada no bairro do Estácio, que era sublocada para mais quatro famílias. Sonhavam comprar um apartamento no bairro do Flamengo. “Dava para pagar as prestações, mas não tínhamos como dar a entrada, que valia 200 cruzeiros na época”, conta Leocádia.

Diante do que JK dizia na imprensa, convocando a todos para participarem da construção da nova capital, o Planalto Central se apresentava para a professora como meio de ganhar dinheiro rápido para conseguir realizar o sonho da casa própria. “Não tínhamos intenção de permanecer aqui, Cardoso trabalharia e, assim que conseguíssemos o valor da entrada, voltaríamos para o Rio”, afirma.

Ainda com o rosto bastante de-

formado, Leocádia escreveu uma carta para o próprio presidente perguntando como ela deveria fazer para participar da construção. A resposta, recebida em poucos dias, informava o local no Rio de Janeiro para onde ela e o marido deveriam se dirigir a fim de providenciar a mudança.

Antes de buscar o local citado na carta, Leocádia foi ao Ministério da Educação pedir orientação sobre a mudança. Na ocasião, terminou encontrando uma amiga de Beatriz Chacel, mulher de grande influência e sua protetora, a quem contou seus planos. Informada sobre a decisão de Leocádia, Beatriz achou loucura e desaprovou, mas frente ao seu entusiasmo pelo trabalho de JK, mudou de ideia, decidindo ajudá-la com uma recomendação a Ernesto Silva.

A mudança foi marcada para o dia 11 de maio de 1959. O gover-

no pagaria as passagens de avião de Leocádia e Cardoso. No dia anterior, no caminho para a casa de Beatriz, com quem se encontraria para despedir-se, Leocádia se deparou com um movimento de celebração da imagem de Nossa Senhora de Fátima, que havia sido presenteadada ao Brasil pelo governo português. Ainda assustada com a mudança que se aproximava, Leocádia lembra de descer do ônibus no Largo do Machado e, aos prantos, pedir à santa que abençoasse sua vinda para Brasília.

## Vila Amauri

O avião pousou no Planalto Central às 11 horas. Como não sabia as condições da cidade e os comentários sobre a infra-estrutura daqui eram os piores, a filha Solange foi deixada em uma creche na Gávea, onde permaneceria até que os pais pudessem buscá-la.

Na bagagem, o casal trazia apenas roupas, um fogão de duas bocas movido a querosene e mantimentos. “Falavam que aqui faltava tudo, até comida, por isso decidi trazer os alimentos”, conta Leocádia. “Mas eu achava que aqui era melhor do que as pessoas diziam, porque JK sempre trazia visitantes ilustres para cá e não podia levá-los para um lugar onde só tinha onça”, completa.

Na chegada, o casal foi transportado para a Candangolândia, onde ficava a sede da Novacap. A orientação dos funcionários do órgão era de que o marido se instalasse num alojamento para homens, e ela em outro, só para mulheres. Às 14 horas do mesmo dia, Cardoso já estava registrado como vidraceiro, para tranquilidade da família.

Na mesma semana, quinta-feira, dia 14, a notícia de que a imagem de Nossa Senhora de Fátima chegaria ao aeroporto de Brasília atraiu Leocádia. Na recepção da santa, outra novidade. “Escutei chamarem professora várias vezes e não dei atenção, até que chamaram meu nome”, recorda. “Quando olhei, reconheci a professora Nair Durão Prata, minha madrinha de casamento, e o doutor Campos, que havia sido meu técnico de Educação quando trabalhava para o governo do Rio”, diz.

Os dois estavam em Brasília para fiscalizar o funcionamento das escolas abertas aqui. A direção do ensino na nova capital



## PIONEIROS

Afastada das funções pedagógicas por problemas de saúde, a professora viu na vinda para Brasília a possibilidade de um novo recomeço e de melhoria de vida

ficava por conta de Santa Alves Souza, a quem Leocádia terminou sendo apresentada pelos amigos no dia seguinte. No ritmo frenético que as coisas aconteciam aqui, Leocádia foi convidada por Santa a participar da inauguração de uma escola na Vila Amauri, que ficava próxima à Vila Planalto e hoje não existe mais, foi inundada pelo Lago Paranoá.

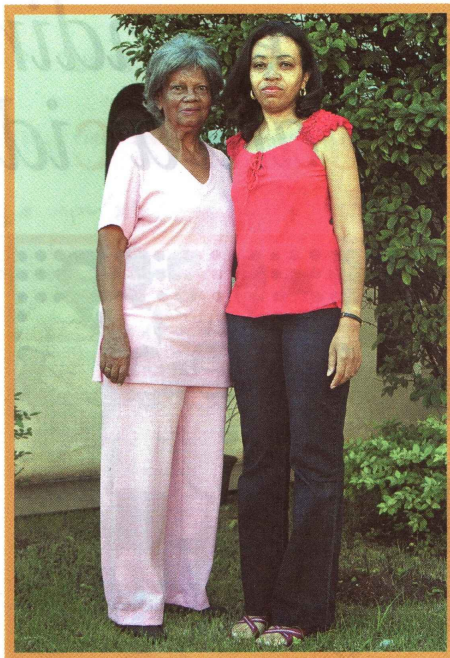
Na inauguração, Leocádia terminou ficando responsável pela anotação dos nomes das crianças que seriam matriculadas. "As crianças estavam com lama até o meio das pernas e nenhuma identificação dos pais", conta. "Tivemos que voltar no outro dia para terminar o trabalho", completa. Dessa forma, sem perceber, Leocádia terminou virando diretora da unidade de ensino, batizada como Grupo Escolar Provisório Ernesto Silva.

### Desfile na W3

Enquanto trabalhava na escola, a notícia de que um convidado de JK comentara que Brasília não podia abrigar os parlamentares e funcionários do governo porque aqui não tinha nem escolas para os filhos se espalhou pela cidade. A fim de mudar a imagem frente ao país, todas as escolas que já existiam na cidade, cerca de seis ao todo, organizaram um desfile na avenida W3 Sul.

AW3 era bem diferente do que vemos hoje. Nas 700, apenas as primeiras 500 casas haviam sido concluídas para abrigar médicos, advogados e outros profissionais liberais que quisessem viver aqui. Ficavam nas quadras 712 e 713 Sul, com muitos terrenos baldios entre elas.

Na oportunidade, ainda em 1959, Leocádia e o marido já não viviam na Candangolândia,



mas em um espaço na escola da Vila Amauri. A escola era um barracão com um vão livre onde eram ministradas as aulas e as divisórias para os banheiros. A Novacap providenciou dois estrados e os colchões e travessieiros para uso do casal.

Em vez de vidro, Cardoso tornou-se o vigia da unidade de ensino. "Passamos a ir à Novacap apenas para comprar comida e outros itens de primeira necessidade", diz a professora. "Fazíamos isto em uma mercearia que o órgão mantinha na Candangolândia, pegávamos o que precisávamos e o valor era descontado no salário", revela.

### Escola Parque

Em setembro de 1959, Anísio Teixeira, mentor do ensino em Brasília, convocou um grupo de oito professoras para participar

de um curso em uma Escola Parque que funcionava em Salvador. O projeto seria implantado em Brasília e precisaria de educadores especializados no ensino de artes industriais (cestaria, cerâmica, trabalhos em madeira etc.), uma das aulas ministradas na Escola Parque.

O projeto consistia na inauguração de uma Escola Parque para cada quatro escolas classe. A ideia era retirar as crianças da rua nos horários em que não estivessem estudando, preenchendo as horas vagas com o ensino de artes, música e teatro.

Antes da ida a Salvador, outro pedido de Leocádia por carta foi atendido. Endereçada à Novacap, a carta solicitava uma das casas na W3 Sul para o casal morar. A resposta foi dada pelo próprio Ernesto Silva, durante uma reunião com os funcionários da Novacap.

COM A FILHA  
SOLANGE: UMA  
VIDA DE  
PROGRESSO  
PESSOAL E  
PROFISSIONAL NA  
CIDADE

"Estava quieta em um canto e ele se aproximou de mim e disse que a d.Santa já havia escolhido uma casa para nós", recorda.

Na volta de Salvador, já instalada nos fundos da casa, onde funcionava uma escola, Leocádia pôde ir ao Rio buscar a filha. O marido passou a ser vigia do novo escritório da Novacap, que funcionava na 508 Sul, onde hoje está o espaço Cultural Renato Russo.

A escola que funcionava na casa onde a família morava foi transferida para o local onde foi inaugurada a Escola Parque da 308 Sul, em 1961. Leocádia lecionou durante 17 anos na unidade de ensino.

A casa da W3 pôde ser comprada durante o mandato de Jânio Quadros. Quando JK terminou o mandato, vendeu as casas para os moradores por 700 cruzeiros, mas Leocádia fez parte de um grupo de oito moradores que não teve condições de adquirir o imóvel. Quando Jânio Quadros assumiu a Presidência, anulou a venda, mas teve que voltar atrás para satisfazer um amigo pessoal. O preço da casa, entretanto, foi estipulado em 2 mil cruzeiros, para serem pagos em cinco anos. Leocádia conseguiu quitar o imóvel antes disso.

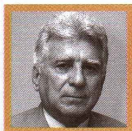
Cardoso faleceu em 1993, vítima de um acidente vascular cerebral. Leocádia continua morando no mesmo lugar até hoje. Em Brasília, foi professora em diversos lugares, de primeiro e segundo graus. Quando alguém fala mal da cidade, compra a briga na defesa por Brasília. A vinda para cá melhorou até o seu problema de saúde. "Sem me dar conta, fui ficando boa", diz. "Da mesma forma, terminei esquecendo de voltar para o Rio", conclui.

“**PASSAMOS A IR À NOVACAP APENAS PARA COMPRAR COMIDA E OUTROS ITENS DE PRIMEIRA NECESSIDADE. FAZÍAMOS ISTO EM UMA MERCEARIA QUE O ÓRGÃO MANTINHA NA CANDANGOLÂNDIA. PEGÁVAMOS O QUE PRECISÁVAMOS E O VALOR ERA DESCONTADO NO SALÁRIO**”

## Raio X

Nome:  
Leocádia Paradella  
Cardoso  
Idade:  
86 anos  
Origem:  
Rio de Janeiro  
Ano de chegada a  
Brasília:  
1959  
Profissão:  
Professora  
Marido:  
José Valentim Cardoso  
(falecido)  
Filha:  
Solange Maria Cardoso

## PIONEIROS



Marco Antonio de Moraes

# Sem qualquer arrependimento pela mudança para a cidade

VINICIUS NADER

ESPECIAL PARA O CORREIO

"A redescoberta do Brasil." Assim o pioneiro Marco Antonio de Moraes define a transferência da capital federal do Rio de Janeiro para Brasília, em abril de 1960. "A inauguração de Brasília foi um marco na história desenvolvimentista do país. A partir daí o Brasil pôde se conhecer e crescer mais economicamente", confirma o pioneiro, ressaltando que na década de 60 havia duas palavras de ordem na cidade: trabalho e entusiasmo. "Todos acreditávamos naquele projeto de cidade e não medíamos esforços para que Brasília desse certo", afirma Marco Antonio, que, assim como vários outros pioneiros da cidade, atravessou as muitas dificuldades de uma Brasília recém-inaugurada esbanjando bom humor e criatividade.

A história de amor entre Marco Antonio de Moraes e Brasília poderia ser chamada de paixão à primeira vista. Isso porque foi ouvindo uma palestra de Ernesto Silva na Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, que o então estudante de Educação Física soube de Brasília pela primeira vez. "Faltava cerca de um ano para a inauguração da cidade e Ernesto Silva nos mostrou slides com projeções do que iria ser a nova capital. Nos falou das oportunidades que iriam surgir em Brasília. O entusiasmo dele acabou contagiando vários co-

Arquivo pessoal



MARCO ANTONIO (D) COM OS ALUNOS DA ESCOLA PARQUE DA 206 SUL

legas, incluindo eu", lembra.

Mais tarde, o pioneiro viu um anúncio de que precisariam de professores na nova capital. Mesmo sem ser formado — na verdade faltava menos de um semestre para que Marco Antonio concluísse o curso —, ele resolveu se inscrever e fazer a prova. "Era uma prova de conhecimentos gerais, sem perguntas específicas para cada área. Como eu vinha de dois vestibulares para Medicina, acabei sendo aprovado", conta. A próxima etapa era mais difícil: uma entrevista com membros da Comissão Administradora do Sistema Educacional de Brasília (Caseb) para saber as expectativas dos candidatos em Brasília.

Marco Antonio confessa que teve um certo receio de não ser aprovado, pois não tinha ne-

nhuma experiência como professor e, com apenas 23 anos de idade, era muito novo. "A entrevistadora percebeu minha falta de experiência, mas era importante para eles juntar a vivência dos mais velhos com a garra da juventude. Acho que por isso acabei sendo aprovado", lembra Marco Antonio, que acabou sendo o mais jovem entre os homens aprovados.

A chegada dos novos professores a Brasília estava programada para 10 de abril, mas imprevistos e atrasos na finalização dos apartamentos onde iriam morar adiaram a viagem em um mês. Dessa forma, Marco Antonio acabou desembarcando em Brasília apenas no dia 10 de maio, perdendo a festa da inauguração. "Foi uma viagem cansativa, de mais de três horas de duração.

Do avião, não tínhamos visão de quase nada, apenas de alguns prédios nas primeiras quadras a ficarem prontas, os ministérios e um grande risco branco que eram as casas da Fundação Popular, na W3 Sul", conta Marco Antonio, que se espantou com o aeroporto de madeira. "Até a bituta e a torre eram meio improvisadas", conta.

Chegando à cidade, Marco Antonio foi logo para a 412 Sul, quadra onde os professores solteiros foram instalados em apartamentos JK, com quarto e sala, e em prédios de três andares, sendo o primeiro o térreo. "O apartamento era dividido com mais cinco colegas: três de nós dormiam no quarto e três na sala.

As compras eram feitas aos sábados, quando um ônibus da Caseb nos levava até a Cidade

Livre (atual Núcleo Bandeirante)", lembra o pioneiro, que teve como primeira reação a vontade de voltar, mas que garante não se arrepender de ter ficado aqui. "Hoje sou um grande defensor da cidade e não troco Brasília por nenhum outro lugar que eu conheço para morar", atesta.

Ainda no mês de maio, o colégio Caseb — que funciona até hoje na mesma quadra — foi inaugurado com a presença do presidente Juscelino Kubitschek, mas sem muita infra-estrutura. "Na véspera da inauguração, fomos ao colégio e não tinha uma carteira lá. Passamos a madrugada toda descartando caminhões de mesas, cadeiras e material escolar. Muitos colegas traziam material deles mesmos para dar as aulas e emprestar aos alunos, já que demoramos a ter uma biblioteca", conta Marco Antonio. Logo, as turmas foram distribuídas e o professor mais jovem do Caseb ficou responsável pela disciplina de Educação Física no colégio Júlia Kubitschek, na Candangolândia, e na escola Parque da 206 Sul. "As escolas eram enormes galpões, praticamente sem divisórias, de madeira, que facilmente pegavam fogo", lembra Marco Antonio.

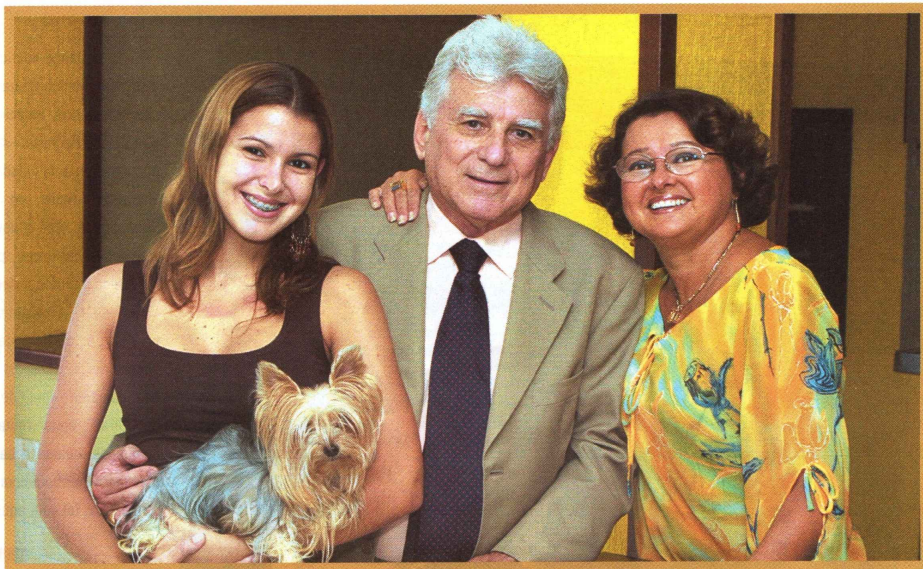
A primeira experiência com fogo da vida do pioneiro foi ainda em 1960, no mês de setembro, quando o auditório da Escola Parque pegou fogo e os professores tiveram que ajudar a brigada de incêndio empunhando

## PIONEIROS

Mesmo sem ser formado, o pioneiro se candidatou a uma vaga de professor no Caseb e conseguiu. Aqui, deu aulas de Educação Física e se aventurou em outras atividades

COM PARTE DA  
FAMÍLIA: UMA VIDA  
DE AVENTURA E  
MUITAS HISTÓRIAS  
NA CAPITAL

“  
NA VÉSPERA DA  
INAUGURAÇÃO,  
FOMOS AO  
COLÉGIO (CASEB)  
E NÃO TINHA  
UMA CARTEIRA  
LÁ. PASSAMOS A  
MADRUGADA  
TODA  
DESCARREGANDO  
CAMINHÕES DE  
MESAS, CADEIRAS  
E MATERIAL  
ESCOLAR. MUITOS  
COLEGAS  
TRAZIAM  
MATERIAL DELES  
MESMOS PARA  
DAR AS AULAS E  
EMPRESTAR AOS  
ALUNOS, JÁ QUE  
DEMORAMOS A  
TER UMA  
BIBLIOTECA”



mangueiras. Em 1967, foi a vez de o barracão da mesma escola se incendiar. “Quase tudo por onde andei acabou sendo comido pelo fogo. As construções eram de madeira, material altamente inflamável, e o clima seco não ajudava muito. Vários comerciantes foram à falência por terem seus estabelecimentos incendiados”, afirma um divertido Marco Antonio.

#### Histórias curiosas

Em 1968, Marco Antonio deu uma pausa em sua carreira docente e foi ser administrador da estação rodoviária de Brasília, cargo que ocupou por apenas sete meses. Apesar do pouco tempo, o pioneiro pôde apresentar várias histórias curiosas no local, quase sempre tendo a escada rolante como cenário.

O pioneiro lembra que fizeram uma espécie de cadeia embaixo de uma das escadas para conter quem se excesses por ali. “Logo na inauguração, um dos agentes queria prender alguém e fez uma linha entre prostitutas e margi-

nais do local. O problema eram alguns nomes conhecidos nas filas”, recorda-se Marco Antonio, que fez questão de “esquecer” tais nomes no dia da entrevista.

Uma outra vez, o pioneiro lembra que foram consertar a escada rolante, que vivia quebrada, e chegaram para ele com um saco de caroços de azeitona. Havia uma pastelaria ali que colocava azeitona nos recheios dos pastéis e as pessoas jogavam o caroço na escada, o que quebrava o equipamento. O jeito foi chamar o proprietário e pedir que ele tirasse o ingrediente do recheio, mas ele não cedia de maneira alguma. “Ele argumentava que a azeitona era o charme do pastel dele”, afirma Marco Antonio, que até hoje não sabe como foi resolvido o problema, pois aconteceu justamente na época em que ele trocou de emprego.

Profissional da área de Educação Física, Marco Antonio sempre teve o esporte presente em sua vida. Como não poderia deixar de ser, o improviso também

esteve presente nessa área no início de Brasília. O pioneiro estava organizando um campeonato brasileiro de vôlei na cidade, mas não havia uma quadra disponível para a realização das partidas. A solução foi encontrada onde menos se esperava e o palco da Sala Villa-Lobos do Teatro Nacional acabou virando uma quadra poliesportiva. “Abrimos o fosso da orquestra para nivelar o chão e realizamos algumas partidas ali mesmo”, afirma ele.

Marco Antonio também já se aventurou como comentarista esportivo na TV Alvorada, no programa Resenha Esportiva WM. “Nosso equipamento era improvisado. O zoom era um elástico preso à lente da câmera. O resultado era tão bom que os concorrentes da TV Brasília foram aos nossos estúdios para conhecer o equipamento que produzia aquele efeito”, diverte-se. Assim era a Brasília da década de 60: divertida, improvisada, mas uma cidade em que as coisas quase sempre acabavam dando certo no final.

## Raio X

#### Nome:

Marco Antonio de Moraes

#### Idade:

67 anos

#### Origem:

Rio de Janeiro

#### Ano de chegada a Brasília:

1960

#### Profissão:

Advogado aposentado

#### Estado civil:

Casado

#### Esposa:

Maria Nazareth Almeida de Moraes

#### Filhos:

Mônica, Cláudio Marco, Tenille e Etienne

#### Netos:

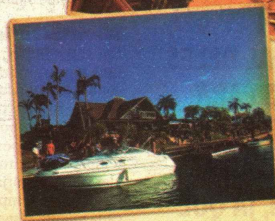
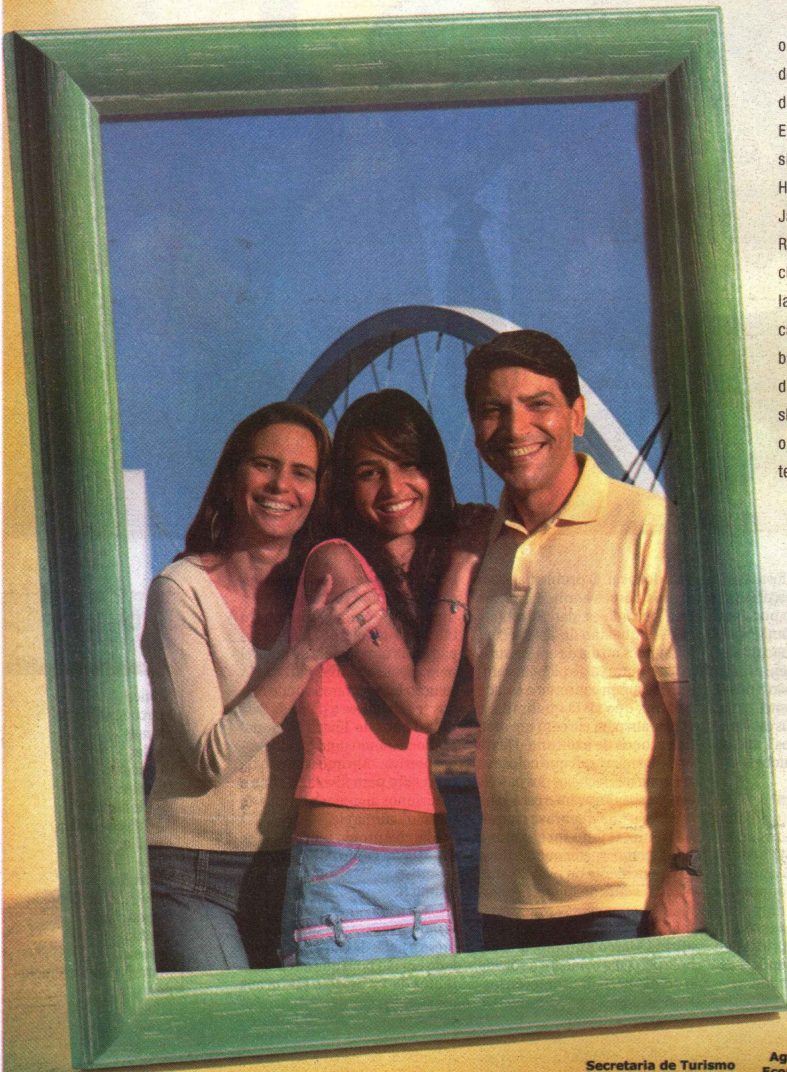
Luca, Paula, Gabriel e Matheus

## BRASÍLIA RECEBEU DE ASAS ABERTAS A FAMÍLIA DO JAIME.

O Jaime veio do Rio com a família conhecer o DF. No começo fizeram o roteiro oficial: Esplanada dos Ministérios, Palácios, Catedral, Ponte JK, Praça dos Três Poderes. Até aí, nenhuma surpresa. Encontraram uma cidade linda, de arquitetura impressionante, digna do título de Patrimônio da Humanidade. Mas a novidade veio mesmo quando o Jaime descobriu que, por trás da solene Capital da República, há uma **cidade divertida e vibrante**. Uma cidade com 64 parques, sendo 11 deles abertos ao lazer e à prática de atividades físicas. Várias cachoeiras e passeios ecológicos. Um lago limpo, bem cuidado e cheio de atrações. Uma cidade repleta de feiras, bons restaurantes, centros culturais, shoppings, boates e bares. Depois de uma semana, o Jaime foi embora com a mulher e a filha. Mas, pode ter certeza, foi com aquele gostinho de quero mais.

### TURISMO NO DF.

MUITO PARA VER, FAZER E CURTIR.



Secretaria de Turismo

Agência de Desenvolvimento  
Econômico e Comércio Exterior

